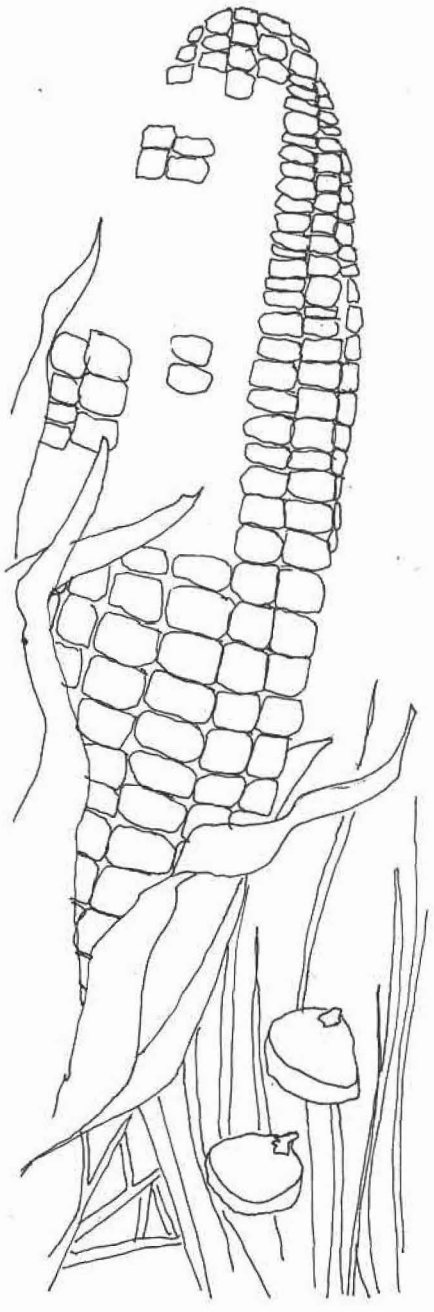
MILHO

A comercialização desta safra carateriza-se pela indefinição tanto da política creditícia quanto das expectativas do mercado. A indústria de rações também se ressente da ausência de normas para os salários, já que estes determinam, em última análise, o comportamento da avicultura e da suinocultura, principais consumidores de ração.

A produção de soja no **Centro-Sul** será quase igual à de milho, pela primeira vez. Segundo levantamento divulgado pelo **IBGE** em abril, aquela região deverá colher 23,5 milhões de t da leguminosa, contra 26,1 milhões de t de milho (ver Quadro 03). No que se refere à produção total, o milho ainda superará a soja, em razão da inadaptabilidade desta última às condições das regiões **Norte** e **Nordeste.**

Enquanto os agricultores se preparam para encerrar a colheita do milho, começam a delinear-se as perspectivas de sua comercialização nos próximos meses. Neste sentido, sobrepõem-se fatores de origens diversas, tais como a posição do governo no que diz respeito às regras de **AGF** e **EGF**, a atuação das grandes empresas processadoras do cereal **vis-à-vis** a situação econômica do país e, finalmente, as tendências dos principais subsetores consumidores, a avicultura e a suinocultura.

Em relação ao primeiro aspecto, não há boas perspectivas, devido, basicamente, às dificuldades de caixa do **Tesouro Nacional.** Em abril e maio, foram repassados quase NCz$ 800 milhões aos programas de **AGF** e **EGF**, correspondentes aos recursos acumulados no primeiro trimestre do ano e que permaneceram sem uso, devido ao atraso na aprovação do **Orçamento das Operações Oficiais de Crédito.** Para o mês de junho, a **CFP** solicitou NCz$ 21 milhões para aquisições e NCz$ 100 milhões para empréstimos, dos quais o governo vetou cerca de 80%.



A estratégia das indústrias tradicionais adquirentes de milho para transformação vem-se pautando por cautela extremada. Em primeiro lugar, não é sabido como se comportarão as regras da economia (especialmente no que diz respeito às taxas de juros, componente importante para o cálculo do custo de estocagem) a curto prazo, tendo em vista as dificuldades particulares por que vêm passando as tentativas de sua ordenação. Da mesma forma, as empresas trabalham **no escuro** no que diz respeito a eventuais previsões quanto ao futuro do poder de compra da classe trabalhadora. Afinal, se a política salarial adotada não recupera o poder de compra, em contrapartida, existem inegáveis indícios do crescimento da economia informal. Existe, outrossim, a preocupação quanto à gestão econômica pós-sucessão presidencial.

A atual indefinição influencia o comportamento da suinocultura e da avicultura. No caso da criação de suínos, vêm-se colhendo os frutos da contração do plantel iniciada há cerca de dois anos. A **Cepa de Santa Catarina** prevê que a produção desta carne, no presente ano, deverá, na melhor das hipóteses, repetir o total de 1,1 milhão de t registrado em 1988. Já a criação de aves vem sendo visivelmente estimulada pelas dificuldades registradas no abastecimento da carne bovina e pelos elevados preços no varejo da carne suína. Por outro lado, tem o crescimento refreado

pela cautela dos criadores, que não querem repetir a experiência desagradável registrada em 1987 (aumento da produção, impulsionado pelo **Plano de Estabilização Econômica** e contratação do consumo derivada da perda salarial promovida pelo chamado **Plano Bresser**).

Desta forma, não é de estranhar que, ultimamente, o preço do milho se tenha elevado.

A colheita da soja, como de praxe, interrompeu momentaneamente a do milho, acentuando a valorização dos preços dos fretes detonada pelos aumentos recentes dos combustíveis. Além do mais, ocorreram chuvas localizadas em algumas regiões produtoras, dificultando-lhes o acesso, e, como se não bastasse o governo ter demorado a corrigir o preço mínimo (que passou, de NCz$ 5,88/60 kg, para NCz$ 6,90/60 kg em maio), ele o fez em índice inferior à majoração registrada no mercado. Em fins de maio, o agricultor paranaense recebia NCz$ 9,50 pela saca de 60 kg do produto, enquanto a cotação na **Bolsa de Cereais de São Paulo** chegava a NCz$ 12,00/60 kg, com tendência firme de alta.



Os levantamentos extra-oficiais quanto ao abastecimento do produto, ao longo do ano, indicam total normalidade, com um provável estoque final superior ao do período precedente. Ao estoque de 2,5 milhões de t, adicionar-se-ia a produção esperada de 26,7 milhões de t e subtrair-se-ia o consumo, estimado em 25 milhões de t (praticamente uma repetição do ocorrido em 1988), resultando num estoque remanescente de 3,6 milhões de t.

Assim, pode-se esperar que, no término da colheita, as cotações apresentem duas tendências, a depender das diretrizes da comercialização. Caso o governo reveja realisticamente os valores dos preços mínimos e de intervenção, certamente o abastecimento correrá sem maiores problemas, dada a oferta maior do que a demanda. Por outro lado, ao fazerem isto, as autoridades correm o risco de se verem envolvidas na comercialização do produto, situação de que querem escapar, pelos motivos já apontados. Da mesma forma, protelando a revisão destes indicadores, geram-se os atuais embaraços na comercialização, que terminam por criar confusão, no que diz respeito aos preços **corretos** do cereal.

Sendo assim, seria necessário que os preços oficiais fossem revistos para valores que balizassem o mercado sem, no entanto, interferirem na comercialização. Ao mesmo tempo, o governo deve ficar atento para problemas localizados de abastecimento, tais como o que vem ocorrendo no **Rio Grande do Sul**. A safra gaúcha, tradicionalmente inferior às necessidades do estado, este ano deverá ser de tão-somente 3,5 milhões de t, com o agravante de a localização do estado implicar em dificuldades adicionais na transferência de produto do **Centro-Oeste**, quando se esgota a capacidade de suprimento por parte do **Paraná**. Da mesma forma, a previsão de colheita de 2,6 milhões de t para o **Norte-Nordeste** é preocupante, representando 3,3% a menos do que no ano passado.

QUADRO 03 – BRASIL – PRODUÇÃO DE MILHO EM ESTADOS E REGIÕES SELECIONADAS – SAFRAS 1987/88 E 1988/89 – (em mil t)

ESPECIFICAÇÃO	1987/88	1988/89	Δ %
MG	3.289	3.293	0
SP	3.684	3.620	– 2
PR	5.558	5.189	– 7
SC	2.371	2.376	0
RS	2.537	3.480	+ 37
MS	635	737	+ 16
MT	700	743	+ 6
GO	2.990	3.678	+ 23
Centro-Sul	22.106	23.513	+ 6
Norte-Nordeste	2.644	2.557	– 3
BRASIL	24.483	26.070	+ 6

FONTE – IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, abril de 1989.